

Seabra, 1924

Mem. Estud. Mus. Zool. Univ. Coimbra Ser. I, No. 2: 19 pp.

Am

on computer

SÉRIE I. — N.º 2

catalogued

MEMÓRIAS E ESTUDOS  
DO MUSEU ZOOLOGICO  
DA UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA



IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
COIMBRA, 1924

Observações  
sobre algumas espécies raras ou pouco conhecidas  
de Hemipteros Heterópteros de Portugal

por

A. F. DE SEABRA

1. *Aethus pilosus* H. S.

O exemplar a que nos referimos, único que podemos estudar, faz parte da colecção do Museu de Coimbra tendo sido classificado pelo Dr. M. ROYER a quem dirigimos aqui os nossos agradecimentos pela revisão da determinação desta e doutras espécies de que nos ocuparemos neste estudo.

Caracteriza este Cidnideo (fig. 1), a forma oval, larga; cor preta brilhante com pontuações bastante distintas; fronte larga, semi-circular, ciliada e com acéculas curtas e es-

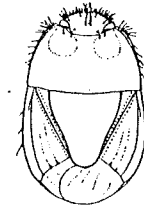


Fig. 1  
*Aethus pilosus* H. S.



Fig. 2  
*Aethus pilosus* (pata)

pesas terminando em ponta cónica, *tylus* atingindo estreitamente a margem frontal; olhos salientes: dois cílios anteorbitários distintos; antenas ferrugíneas: o segundo artícu- culo subcilíndrico, aproximadamente do comprimento do 3.º: 3.º e 4.º sensivelmente dilatados sobre a extremidade; rostró atin- gindo as ancas intermédias; pronotum con- vexó, levemente deprimido à frente sobre o disco, liso e brilhante; escutelum subrom- bóide ou levemente deprimido; patas ferrugíneas; tíbias an- teriores (fig. 2) deprimidas, dilatadas sobre a extremidade

com 8 espinhos salientes na margem externa: intermédias e posteriores espinhosas; tarsos ferrugíneos; abdómen preto, os segmentos com pontuações unidas formando por vezes estriolas mais ou menos definidas.

Esta espécie tinha sido notada já na fauna de Portugal por PAULINO DE OLIVEIRA (Cat. Hemipt. p. 9, sp. 16) sob a designação de *Cydnus pilosus* H. Sch. tendo estudado um exemplar único proveniente de Azambuja, que veio a inutilizar-se.

## 2. *Crocistethus Waltli* (FIEB.).

Espécie nova para a fauna lusitânica. Distingue-se facilmente (fig. 3), de entre os Cidnideos que se encontram no nosso País pelo aspecto do tegumento e sistema de coloração verde metálico excepto sobre os hemelitos de cor branca ou lívida com a base e extremidade da mesocória geralmente escura. Dim. 4,0 x 2,0.

Loc. Castelejo. Prof. J. DA SILVA TAVARES. Da col. do Colégio de S. Fiel. Museu de Coim-

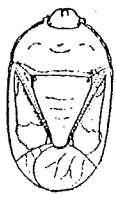


Fig. 3  
*Crocistethus* Wal-  
bra.  
tli (Fieb.).

## 3. *Solenostethium lynceum* (FAB.).

Da Europa meridional, África setentrional e da Síria, esta interessante espécie (fig. 4) não tinha sido ainda observada em Portugal. Representa o tipo de uma Tribu particular, *Elvisuraria* da Subfam. *Scutellerinae* e reconhece-se facilmente pela forma oval, posteriormente deprimida, regularmente convexa; escutelum largo, deixando a descoberto somente a margem da exocória, sulco mesoesternal limitado lateralmente por querenas salientes; cor testácea na região dorsal, mostrando posteriormente sobre o escutelum duas pequenas manchas amarelas sinuosamente marginadas de preto.

O único exemplar que podemos até hoje estudar, mede 14,0 x 8,5 mm. Na descrição desta espécie, AMYOT ET SEVILLIE (Hemiptères, 1843, pp. 26-27), indicam somente 12 mm. diferença devida talvez a sexo diverso dos exemplares descritos.

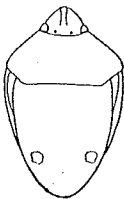


Fig. 4  
*Solenostethium*  
*lynceum* (Fab.).

Corgas Bravas é uma interessantíssima região da Serra do Algarve pouco acessível e naturalmente raras vezes visitada pelos naturalistas portugueses ou estrangeiros que se têm dedicado ao estudo da nossa fauna entomológica. Na «Entomologie française», AMYOT, 1848, p. 34, diz que CULLIANI encontrara com frequência larvas e imagos do *S. lynceum* em Sicilia sobre um *Lentisco*, *Pistacia* sp.? É possível que em Corgas Bravas seja esta também a espécie botânica frequentada pela interessante forma a que nos referimos.

## 4. *Odontotarsus purpureo-lineatus* (ROSSI), o var. *obsoletus* HORV.; *Odontotarsus rugicollis* JAK. e var. *callosus* HORV.

Segundo o «Catálogo de Hemipteros Heteropteros de Portugal», publicado em 1896 por PAULINO DE OLIVEIRA, o género *Odontotarsus* achava-se representado na nossa fauna pelas espécies *caudatus* (BURM.) e *grammicus* L. notando nesta última as variedades *lutescens* FIEBER, *rufescens* do mesmo autor e *unicolor*, nova para a ciência.

Reunindo material das colecções do Museu, dos Laboratórios da Entomologia da Direcção Geral da Agricultura e outro, pareceu-nos duvidosa a classificação da espécie *grammicus* mas, *Odontotarsus purpureo-lineatus*. não dispo de bibliografia suficiente para fazer o estudo comparativo das diferentes formas, recorreremos à apreciação de especialistas dirigindo-nos ao notável hemipterologista Prof. CHOUTEDEN. Ocupado no estudo da fauna Etiópica remeteu este ilustre sábio os nossos exemplares para o Dr. M. ROYER, dedicado neste momento à fauna Paleártica.

Por intermédio deste especialista podemos então averiguar que os exemplares determinados por PAULINO DE OLIVEIRA sob a designação de *Odontotarsus grammicus* são hoje considerados na espécie *purpureo-lineatus* (ROSSI) (fig. 5), existindo na nossa fauna ainda a variedade *obsoletus* HORV. tão frequente quasi como a forma específica. Quanto à variedade *unicolor*, P. DE OLIVEIRA (1896), encontramo-la designada sob o nome de *callosus* HORV. (1896) como var. do *Odont. rugicollis* JAK. (fig. 6), espécie existente também na nossa fauna. Ignoramos a qual dos autores deve ser atribuída prioridade

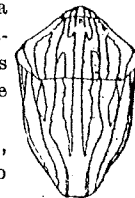


Fig. 5  
*Odontotarsus* pur-  
pureo-lineatus.

visto datarem da mesma época as duas classificações. Finalmente, as duas variedades *lutescens* e *rufescens* de P. DE OLIVEIRA, são actualmente consideradas na espécie *rugicollis* JAK.

Estas alterações são apenas o resultado de estudos recentes sobre as diferentes espécies do grupo, estudos em que os autores têm podido dispôr de material valioso e completa bibliografia sobre a classificação das espécies. As duas formas determinadas por P. DE OLIVEIRA, estavam de acôrdo com o sistema de classificação seguido pelos autores daquela época. No Catálogo de A. PURTON, 1875, então adoptado por quasi todos os entomologistas, encontram-se também indicados apenas os dois tipos a que primeiro nos referimos.

Embora mantendo um sistema muito particular e característico de colorido, os *Odontotarsus* oferecem uma notável variedade de tipos que resulta não somente de diferenças na cor das faixas longitudinais que matizam a região dorsal, como da intensidade do desenho que, especialmente nas variedades *obsoletus* e *unicolor* de P. DE OLIVEIRA, quasi desaparecem.

No *O. purpureo-lineatus* tipo em que as faixas são mais distintas, estas variam também da cor púrpura ou vinosa à sépia escura.

##### 5. *Psacasta (Psacasta) exanthematica* (Scop) var. *herculeana* Horv.

Esta variedade nova para a fauna do País, é mais frequente do que o tipo da espécie. Distingue-se particularmente pelo aspecto do tegumento (fig. 7), densamente coberto de manchas amarelo-pálido.

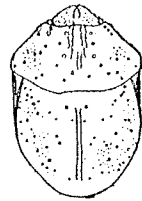


Fig. 7  
*Psacasta exanthematica* Scop.

##### 6. *Psacasta (Cryptodontus) tuberculata* (F.).

Pouco frequente em Portugal. (Fig. 8). Podemos determinar exemplares provenientes do Norte e Centro do País (S. do Geroz, Coimbra e Soure) e da Província do Alentejo, arredores de Évora.

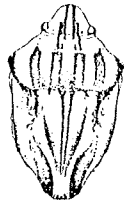


Fig. 6  
*Odontotarsus rugicollis* Jak.

##### 7. *Eurygaster hottentotta* (F.) var. *maroccanus* (F.).

Segundo comunicação particular que recebemos do Prof.

H. SCHOUTEDEN, a forma até aqui considerada nos estudos relativos à fauna do País como tipo da espécie *hottentotta*, deveria ser determinada como *nigro-cucullatus* GOEZE e a *maroccanus* figurar como variedade da *hottentotta*.

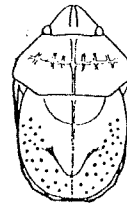


Fig. 8  
*P. tuberculata* Fab.

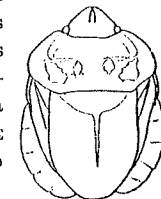


Fig. 9  
*E. maroccanus* (F.).

OSHANIN, no Catálogo publicado em 1912, considera o *E. austriacus* (SCHIRK.) como tipo de espécie e a designação *nigro-cucullatus* GOEZE encontra-se como sinónimo da variedade *Frischii* do mesmo autor.

O *Eurygaster maroccanus* (FAB.) (fig. 9) parece ser uma forma pouco comum em Portugal.

##### 8. *Tarisa flavescens* A. S.

Vila Real de Santo António, v-1919. Prof. J. DA SILVA TAVARES.

O género *Tarisa* encontra-se representado na Rússia meridional e asiática, na Ásia ocidental e meridional e na África oriental e setentrional. A espécie de que nos vamos ocupar parece ser bastante rara. AMYOT ET SERVILLE observaram os primeiros exemplares provenientes dos arredores de Madrid. BOLIVAR e CHICOTE referem-se igualmente a exemplares desta localidade, de Guadabajara e Aranguez, na memória publicada em 1878 sobre os Hemipteros de Espanha e Portugal.



Fig. 10  
*Tarisa flavescens* A. S.

O exemplar que existe actualmente no Museu de Coimbra, provem das Coleções do Colégio de S. Fiel que ali se encontram actualmente e tinha apenas as indicações de registo que mencionamos. Mede 4,5 x 3,0 mm., a cabeça e região anterior do protorax são amarelo-pálido; olhos volumosos escuros, pouco salientes; fronte subvertical curvilínea; *tylus* acuminado, atingindo a extremidade dos lobos laterais; faces perpendiculares amarelas; protorax (fig. 10), querenado anteriormente,

salientando-se sobre o disco e lados, quatro tubérculos mamilosos de cor verde esmeralda, pouco brilhantes; escutelum largo dilatado a meio, corcovado, querenado, com dois lobos esferóides amarelos sobre a base precedidos lateralmente de uma pequena ruga ou prega clara; exocória estreita, verde; patas e região inferior amarelas; fêmuros levemente rosados.

### 9. *Ventocoris (Ventocoris) rusticus* (F.).

Os dois únicos exemplares de Portugal que podemos estudar, medem  $9,0 \times 6,5$  mm.; são de cor vermelha, escura ou vinosa; cabeça amarela, anteriormente deprimida, subplana; olhos pouco salientes, de cor clara; antenas amarelas; pronotum (fig. 11) anguloso, convexo, subvertical e amarelo anteriormente, vermelho-escuro sobre a região posterior; escutelum vermelho-escuro idênticamente ao pronotum, convexo, deixando somente a descoberto uma parte da mesocória e exocória; patas amarelas; região ventral amarela sobre as margens, vinosa ao centro e notavelmente convexa.

Mogófores, 1917, (SBR.), da Col. do Laboratório de Patologia Vegetal.

Pragal, 1920, J. NEVES; da Col. do Laboratório de Biologia Florestal.

### 10. *Graphosoma semipunctatum* (F.).

Mencionada de Coimbra pelo Prof. PAULINO DE OLIVEIRA, esta espécie (fig. 12), julgamo-la de facto bastante rara em Portugal. Foi recentemente encontrada pelo Dr. FRANCISCO MENDONÇA nas proximidades do Alfeite.

Exemplares da col. do Lab. de Biologia Florestal.

### 11. *Tholagus flavolineatus* (F.).

Parece estar confinada à Província do Alentejo a área de dispersão desta interessante espécie de que possuímos apenas dois exemplares da Coleção do Laboratório de Biologia Florestal.

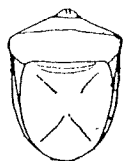


Fig. 11

*Ventocoris rusticus* Fab.

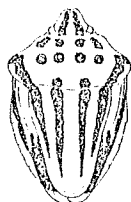


Fig. 12

*Graphosoma semipunctatum* (Fab.)

Semelhante ao *Ancyrosoma albolineatum* (F.), distingue-se facilmente desta espécie pela forma mais alongada (fig. 13), os ângulos laterais do pronotum rombóides, pouco salientes, os ângulos posteriores prolongando-se sobre a articulação das asas e ainda pela forma menos convexa e mais alongada. Espécie nova para a fauna.

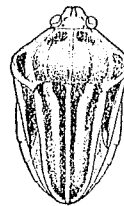


Fig. 13

*Tholagus flavolineatus* (F.)

### 12. *Podops (Petalodera) dilatata* PIER.

Segundo nos informa o nosso prezado colega CORREIA DE BAUROS, esta espécie (fig. 14) citada já por P. DE OLIVEIRA e parece que muito rara no centro e sul do País, encontra-se com certa freqüência no Norte.



Fig. 14

*P. dilatata* Pier.

### 13. *Sciocoris macrocephalus* FIEB.

Distingue-se facilmente das espécies deste género que se encontram no nosso País pela configuração dos olhos (fig. 15), notavelmente salientes e subpedunculados.

Um exemplar obtido em Soure. Da Coleção do Laboratório de Biologia Florestal. Raro. Espécie nova para a fauna.



Fig. 15

*Sciocoris macrocephalus* Fieb.

### 14. *Aelia rostrata* BOH.

Desta espécie (fig. 16), conhecida apenas de Bragança, podemos estudar exemplares provenientes de S. Fiel (Prof. P. MARTINS) e de Soure. Coleções do Museu e Laboratório de Biologia Florestal.

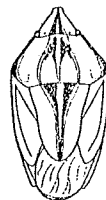


Fig. 16

*Aelia rostrata* Boh.

### 15. *Neottiglossa leporina* (H. S.).

Caracterizada particularmente pelas dimensões do escutelum (fig. 17), excedendo aproximadamente um quinto o comprimento dos ângulos posteriores externos da cória, não tinha sido ainda mencionada esta espécie na fauna de Portugal. Provém um dos exemplares que podemos estudar

da Coleção do Colégio de S. Fiel existente no Museu de Coimbra e o segundo de Aldeia Nova de S. Bento, da Coleção do Laboratório de Biologia Florestal.

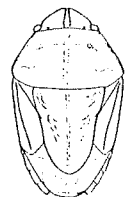


Fig. 17  
Neottiglossa lopo-  
rina

Julgamos ser uma forma pouco freqüente no nosso País.

✓ 16. *Stagonomus pusillus* (H. S.) e *bipunctatus* (F.) ou *amoenus* (BRULLÉ).

Estas duas espécies (figs. 18 e 19), existem na nossa fauna sendo contudo muito raras. Na coleção de Hemipteros do Museu de Coimbra encontramos somente os dois exemplares a que P. DE OLIVEIRA se refere no seu Catálogo mas que julgamos pertencerem ambos à primeira das espécies que vimos de mencionar. Do *Stagonomus pusillus* possuímos apenas um exemplar, proveniente de Corgas Bravas, da Coleção do Laboratório de Biologia Florestal.

Segundo OSUANIN o *St. bipunctatus* (F.) deve ser considerado sin. da espécie *amoenus* (BRULLÉ).



Fig. 18  
S. pusillus H.-Sch.



Fig. 19  
S. bipunctatus  
Fab.

✓ 17. *Chlorochroa juniperina* (L.).

Mogofores, VI-1912. A. F. DE SEABRA. Espécie nova para a Fauna. O nosso exemplar mede 10,0 × 6,5 mm., cor verde-escuro, cabeça larga subogival, plana; *tylus* atingindo a margem frontal; antenas verde-escuro; protorax exagonal, subconvexo, verde, lateralmente marginado de amarelo-pálido; pontuação densa, não pigmentada; escutelum verde com o vértice amarelo; hemelítrios verdes, margem da exocória amarelo-pálido sobre a base; membranas escuras; patas e região ventral, verde-escuro (fig. 20).

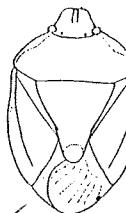


Fig. 20  
Chlorochroa juni-  
perina (L.).

Da coleção do Laboratório de Patologia Vegetal.

✓ 18. *Chroantha ornatula* (H. S.).

Esta interessantíssima forma, (fig. 21), própria de sub-região mediterrânea e transcaucasiânica é ainda uma das espécies particulares no nosso País à Província do Algarve, de onde provém o único exemplar que podemos estudar.

Pela sua configuração geral lembra mais as espécies do género *Carpocoris*, das quais aliás se aproxima, e particularmente dos *Dolicoris*, mas o colorido é verde-pálido e entre outras particularidades notam-se sobre a cória manchas viçosas e brancas ou amarelo-pálido. Sobre os ângulos anteriores do pronotum e da base do escutelum, existem igualmente manchas pálidas, calosas. Uma fêmea. Col. do Lab. de Biologia Florestal.



Fig. 21  
Chroantha orna-  
tula (H. S.).

✓ 19. *Brachynema triguttatum* FIEB.

Distingue-se da *B. virens* (KLUG) pela cor verde geralmente mais claro, opaco; tegumento finamente pontuado; fronte rombóide, subcôncava; *tylus* envolvido pelos lobos laterais; margens laterais do pronotum amarelo-pálido bem como a base da exocória e pela forma acuminada do vértice do escutelum; pontuação fina e pigmentada (fig. 22). Um exemplar da Coleção do Laboratório de Biologia Florestal. Mogofores. Raro. Cit. de Portimão por V. VALXEM.



Fig. 22  
B. triguttatum  
Fieb.

✓ 20. *Holcogaster fibulata meridionalis* s. sp. n.

Mata da Trafaria (SBR.). S. Martinho de Anta, C. DE BARROS.

Não encontramos ainda no nosso País o tipo desta espécie tal como o descreve MULSANT. Numerosos exemplares coligidos em 1916 nos pinhais da Trafaria e dois outros que podemos observar das coleções de CORREIA DE BARROS, são caracterizados pela coloração escura avermelhada, sem vestígios, pode dizer-se, de cor branca ou clara sobre a região dorsal e carmim escuro e intenso, não rosado, sobre a face inferior ou ventral. Somente um dos exemplares de S. Mar-

tinho de Anta apresenta colorido menos intenso, amarelado superiormente mas ainda com manchas mais distintas sobre o escutelum e sobre a cória. Estas modalidades e ainda o facto de MULSANT ET REY notarem que a espécie é justamente sujeita a variações nas dimensões e cores, leva-nos a não alterar a sua classificação específica, considerando apenas os

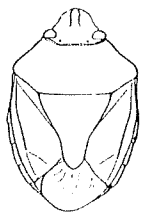


Fig. 23  
*Holcogaster fibulata meridionalis* Sbr.

nossos exemplares como tipo particular meridional (fig. 23), de que damos a descrição seguinte: Dimensões, 6, 0-6, 5 x 4,0 mm. fronte subconvexa, ogival, alongada, testáceo ou vermelho-escuro, *tylus* largo, paralelo levemente dilatado sobre a extremidade, excédendo os lobos laterais, em geral um pouco mais claro, bem como as extremidades destes; olhos volumosos lateralmente salientes, olhos pequenos, afastados da linha média frontal; 2.º e 3.º artículos das antenas esverdeados, 4.º e 5.º pretos ou ainda o 2.º e 3.º igualmente escuros pela parte superior; rostro amarelo esverdeado, último artículo preto, atingindo o 3.º segmento abdominal; *bícula* e parte interna da região facial inferior, amarelo-pálido ou esverdeado; protorax testáceo escuro ou vinoso com manchas irregulares m. ou m. distintas rosadas próximo da margem anterior; escutelum condizendo em geral com o colorido do protorax, variando contudo pela maior ou menor extensão do pontuações pigmentadas que, reunindo-se, podem formar manchas pretas irregulares sobre a região dorsal; patas verde-claro, região ventral testáceo rosado, por vezes carmin; conoxivum com manchas pretas.

#### ✓ 21. *Pentatoma rufipes* (L.).

A área de dispersão desta espécie no nosso País parece estar circunscrita às regiões do norte. Além dos exemplares mencionados do Gerez por PAULINO DE OLIVEIRA, encontramos nas Coleções do S. Fiel vários outros provenientes também daquela Serra. (Fig. 24).

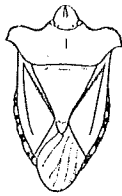


Fig. 24  
*Pentatoma rufipes* L.

#### ✓ 22. *Acanthosoma haemorrhoidale* (L.).

Serra do Gerez, 1916. Prof. J. DA SILVA TAVARES (fig. 25). Espécie nova para a fauna de Portugal. Distingue-se facilmente pela configuração do mesoesterno provido de uma querena saliente prologando-se anteriormente sobre o proesterno; o abdómen igualmente queronado e provido dum forte esporão cuja ponta encosta à querena mesoesternal; ângulos laterais do protorax, ponteados e salientes; *tylus* saliente, côncavo e estreitando posteriormente; abdómen de forma alongada e deprimida com os últimos segmentos corados de vermelho-fulvo.



Fig. 25  
*Acanthosoma haemorrhoidale* (L.).

Da coleção do Museu de Coimbra.

#### ✓ 23. *Pinthaeus sanguinipes* (FAB.).

Mata do Fundão, VII-1909. Prof. J. DA SILVA TAVARES. Espécie nova para a fauna de Portugal (fig. 26), particular à fauna da Europa meridional e único representante conhecido do género. Caracteriza-se pela configuração da cabeça com os lobos laterais largos, salientes e recurvados sobre o *tylus* excédendo-o notavelmente; aspecto das tíbias anteriores, largamente queronadas sobre a margem externa e fêmures do mesmo par de patas aculeados; cor ferruginosa-escuro, avermelhada sobre as margens e particularmente sobre a região ventral e patas; abdómen provido anteriormente de um pequeno lobo cónico e com manchas pretas sobre todos os segmentos; os ângulos laterais do protorax salientes, subrombóides, as margens anteriormente denteadas; escutelum estreito na base e relativamente à base do pronotum, deprimido sobre o vértice, com os ângulos corados de vermelho; membranas excédendo o abdómen; conoxivum saliente com manchas pretas.

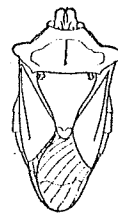


Fig. 26  
*Pinthaeus sanguinipes* F.

Da coleção do Museu de Coimbra.

#### 24. *Lygaeus leucopterus* (GOEZE) var. *incarnatus* nob.

Distingue-se esta variedade (fig. 27), pelas dimensões

apreciavelmente reduzidas,  $9,0 \times 2,6$  mm., colorido pálido, róseo ou vermelho-claro, forma das manchas protorácicas estreita ocupando somente uma parte das depressões do disco orlado de amarelo sobre os lados, manchas pretas da cória mal definidas, de cor olivácea, mancha preta do *clavus* não atingindo a sutura interna da mesocória.



Fig. 27  
*Liganus leucopterus incarnatus*  
nob.

Os exemplares assim caracterizados são provenientes de Bragança (Col. do Museu de Coimbra), onde parece estar localizada esta forma. O tipo da espécie de que podemos estudar vários exemplares da Europa central, mede  $10,0 - 10,5 \times 3,0 - 3,2$  mm. o colorido é vermelho intenso, as manchas pretas do disco protorácico ocupam completamente as depressões características no género, *clavus* preto, somente vermelho na base e as manchas pretas da cória, largas, discoidais e definidas.

#### 25. *Catoplatus carthusianus* (GOEZE).

Évora, VII-1923. (SBR).

Oblivemos um único exemplar desta interessantíssima espécie que, segundo PUTON, vive sobre o *Eryngium maritimum*, planta que julgamos não poder existir naquela região, e FIEBER nota-a sobre o *Sesili glaucum*.

O *Catoplatus carthusianus* (fig. 28), que consideramos espécie rara ou pouco frequente no País, distingue-se das outras formas de Tingídeos da nossa fauna pelos caracteres seguintes:

Forma ovalar alongada, estreita, posteriormente deprimida, tegumento vítrio, subtranslúcido, alveolado, amarelado; cabeça preta; lobos frontais anteriores espiniformes, subconvergentes; antenas pretas cilíndricas, sedosas: 4.º artículo da espessura do 3.º. subcilíndrico; pronotum convexo, anteriormente deprimido, margem anterior formando gola distintamente aureolada; querenas aureoladas das margens laterais particularmente salientes à frente; querenas disco-dorsais menos salientes à frente; prolongamento posterior reticulado a partir da base e lados do pronotum, alongado e ponteagudo; elitros



Fig. 28  
*Catoplatus carthusianus* (Goetze).

com algumas manchas dispersas escuras, alongados e posteriormente deprimidos, aureolados, reticulados sobre a extremidade da região membranosa; margem elitral formada por uma série de células semelhantes; célula discoidal alongada; fêmuros pretos; tíbias testáceas ou ferrugíneas, escuras, particularmente sobre a extremidade, dilatadas próximo da articulação femural. Dim.  $5,0 \times 1,0$  mm.

#### 26. *Copium lusitanicum* sp. n.

Aldeia Nova de S. Bento, Alentejo, VI-1923. Eng. Silvicultor SANTOS HALL.

Semelhante (fig. 29), ao *Copium cornutum* THNB, de que se distingue pela forma e aspecto das antenas quasi glabras (figs. 30 e 31) com o 3.º artículo mais curto e delgado, deprimido na extremidade, ângulos anteriores do pronotum menos salientes, margens laterais mais rectilíneas, células pequenas mais distintas, nos ângulos posteriores, e finalmente, pelas células da margem elitral mais regulares.



Fig. 29  
*Copium lusitanicum* Sbr.

Descrição:  $3,6 \times 1,2$  mm. Antenas pretas de aspecto subglabro revestidas somente de pelos curtos e acamados: dispersos, sobre o 4.º artículo, alguns pelos finos e hirtos: 1.º artículo espesso e cilíndrico: 2.º subcónico, do comprimento aproximadamente do 1.º: 3.º



Fig. 30  
*Copium lusitanicum*.

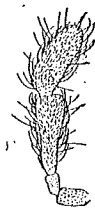


Fig. 31  
*Copium cornutum* Thnb.

cónico, subsinuoso, do comprimento aproximadamente do 4.º; este último espesso, visivelmente deprimido na extremidade; cabeça preta, espinhos brancos; disco do pronotum sépia escuro, margem anterior e prolongamento da base amarelo; margens laterais rectilíneas; com uma série de células regulares visíveis nos ângulos posteriores; querenas discoidais com uma série de células em todo o comprimento; elitros amarelos com uma série de células regulares e semelhantes formando a margem elitral; patas ferrugíneas, abdómen preto.

Da Coleção do Laboratório de Biologia Florestal.



27. *Serentia atricapilla* SPIN.

Mata das Virtudes, Azambuja (SUC.) e Pragal, J. NEVES. Pouco frequente.

Tinham sido encontradas já, pertencentes ao mesmo género, as espécies *ruficornis* GERM. e *laeta* FALL. pouco frequentes também no País. A *S. atricapilla* (fig. 32), distingue-se pelos caracteres seguintes:



Fig. 32  
*Serentia atricapilla* Spin.

Forma estreita, alongada; cor amarelo-pálido; cabeça preta; olhos pouco salientes claros; extremidade dos tubérculos anteníferos, amarelada; antenas ferrugíneas, revestidas de tubérculos pelíferos; 1.º articulo espesso, levemente deprimido sobre a extremidade, do comprimento aproximadamente da cabeça: 2.º visivelmente mais curto, subcilíndrico: 3.º alongado, dilatado sobre a base: 4.º em forma de maça, sedoso, do comprimento aproximadamente do 1.º; pronotum cónico, subdeprimido anteriormente, amarelo com faixa anterior m. ou m. distinta, preta, algumas vezes somente duas pequenas manchas transversais escuras; margem anterior lisa, convexa; margens laterais finamente querenadas; prolongamento posterior distintamente alveolado, subquerenado; elitros amarelos aureolados, margem elitral saliente formada por uma série de células semelhantes; região membranosa distintamente reticulada na extremidade; patas ferrugíneas. Dim.  $3,0 \times 0,7$ .

28. *Aradus cinnamomeus* PNZ.

Esta espécie, nova para a fauna, vive sobre a rama do *Pinus silvestris* particularidade que a faz distinguir facilmente da maior parte das formas congêneres que se encontram de preferência nos troncos, debaixo da casca das árvores.

Da família *Aradidae* não tinha sido ainda mencionada nenhuma espécie na fauna de Portugal. Os exemplares que estudamos foram coligidos na Mata do Valado pelo nosso prezado amigo J. M. DE ALMEIDA MENDIA, engenheiro Silvicultor, e fazem parte da colecção do Laboratório de Biologia Florestal.

O *Aradus cinnamomeus* PNZ (fig. 33), distingue-se pela sua configuração particular, cor rósea-oscuro, subferrugínea, fronto

granulosa quadridentada anteriormente, prolongamento anterior frontal espesso, rombóide, saliente, quasi atingindo a extremidade do 2.º articulo das antenas, estas curtas, do comprimento aproximadamente da linha média frontal, espessas: 2.º articulo pouco maior do que o 3.º, cilíndrico; pronotum curto, transversal, sinuoso, querenas intermédias e laterais anteriormente obliteradas: margens laterais sinuosas, curvilíneas, finamente crenoladas: ângulos posteriores curvilíneos, base sinuosa; escutelum medíocre, triangular, subogíval, rebordado; elitros posteriormente deprimidos; margem elitral angulosa, nervuras salientes. Na forma *macroptera*, as nervuras das membranas não salientes e na forma *brachiptera*, a cória escamiforme convergindo para o vértice do escutelum; patas ferrugíneas. Dim.  $4,5 - 5,0 \times 1,0 - 1,2$  mm.



Fig. 33  
*Aradus cinnamomeus* Pnz.

29. *Ploiaria domestica* SCOP.

Coimbra, VIII-1922, ROGÉRIO N. DE CARVALHO.

É uma espécie da Europa meridional, notável pela sua configuração e parece que muito rara ou pouco frequente no nosso País. Os únicos exemplares que temos podido até agora estudar, têm sido encontrados numa antiga habitação de Coimbra e em reduzido número.

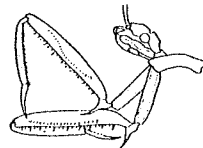


Fig. 34  
*Ploiaria domestica* Scop.

Como todos os Reduviídeos, é uma forma hematófaga que se alimenta naturalmente nas habitações onde se encontra, sugando larvas de outros Insectos. Reunidos vivos no mesmo insectário, os adultos atacam as próprias larvas, sugando-as.

Os nossos exemplares medem 5,0 (larva) 10,0 mm. (imago). A forma (fig. 34), é esguia quasi filiforme, cabeça pequena, dilatada na região posdorbitária, ligando-se ao pronotum por um colo distinto; fronte transversal e profundamente sulcada na região interorbitária; antenas longas filiformes: 2.º articulo mais curto do que o 1.º; torax e pronotum alongados, asas nulas; patas anteriores prehensivas, listradas, intermédias e posteriores notavelmente longas, filiformes.

Da Colecção do Museu de Coimbra.